



O papa lembra certos políticos
de que não deve ser instigada
a guerra entre pobres
por um punhado de votos a mais
porque não deve existir,
para a comunidade cristã
e para a civil, qualquer diferença
de nacionalidade entre
aqueles que têm fome e não têm
onde reclinar a cabeça.

11 / 13 novembro 2016

Jubileu dos Sem-abrigo: para todos os que passam fome e não têm onde reclinar a cabeça

Não sabemos quantas pessoas dormem a cada dia nas estradas de toda a Europa. Os especialistas estimam que serão pelo menos 400 mil. Pessoas que perderam tudo ou que nunca tiveram muito.

Os descartados desta economia acabam no último degrau da escala social por diferentes motivos, muitas vezes entreligados: uma doença mental, a dependência de drogas, um divórcio, a perda de emprego, o jogo.

Os invisíveis são muitas vezes cidadãos europeus sem cidadania, que as redes dos nossos sistemas de segurança social não conseguem abranger e que têm baixa escolaridade e pouca proteção. E, portanto, pouquíssimas possibilidades de sair do círculo vicioso da vida às margens a partir das suas próprias forças. Têm necessidade de ajuda, de apoio, de confiança para recomeçar, ainda que tantas vezes a política os trate como descartáveis.

A este povo sem nome e sem rosto tem vindo a ser acrescentado, desde há alguns anos, o fluxo de mulheres, crianças e homens que, das rotas balcânicas e do Mediterrâneo central e oriental, atravessam os novos muros da Europa.

O papa, que anunciou o *Jubileu da Misericórdia*, quis que nele participassem também os invisíveis. A 11 de novembro, dia de S. Martinho, receberá milhares de pessoas sem morada fixa, que viveram ou ainda vivem na estrada.

S. Martinho deu metade do seu manto a um pedinte, quando ainda era pagão e soldado do Império Romano; desse encontro brotou a sua conversão. Francisco, recordava a Rádio Vaticano, **«dá muitas vezes aos Chefes de Estado e de Governo uma medalha que retrata o gesto do santo, para recordar a necessidade de promover os direitos e a dignidade dos pobres»**.

O Jubileu dos Sem-abrigo, que terá o seu auge no dia 13 de novembro, novembro, quando eles participarem na missa presidida pelo papa na basílica de S. Pedro, tem pelo menos dois grandes significados.

Em primeiro lugar, Francisco recorda à Igreja e ao mundo o papel central dos últimos, como já fez diversas vezes – por exemplo, abrindo a Porta Santa da caridade no dormitório da Cáritas de Roma, em dezembro, e acolhendo em alguns espaços da colunata de Bernini, na Praça de S. Pedro, os sem-abrigo que vivem em torno do Vaticano.

Depois, lembra certos políticos de que não deve ser instigada a guerra entre pobres por um punhado de votos a mais porque não deve existir, para a comunidade cristã e para a civil, qualquer diferença de nacionalidade entre aqueles que têm fome e não têm onde reclinar a cabeça. **O povo da estrada, pelo menos esse, não tem passaportes.**

Paolo Lambroschi

in *"Avvenire"* / Trad.: Rui Jorge Martins / Publicado em 03.05.2016



Quando vierem por nós

Quando eles vieram pelos pombos, eu não disse nada. Eu não era pombo.

Quando vieram pelos arrumadores de automóveis, eu encolhi os ombros e olhei para o lado. Não era arrumador de automóveis.

Quando vieram pelos improdutivos, eu também não disse nada. Não era improdutivo.

Depois, quando eles vieram pelos sem-abrigo, eu também não me importei. [http://www.theguardian.com/society/2014/jun/07/anti-homeless-studs-london-block-uproar?CMP=fb_gu] Eu não era sem abrigo.

Quando vierem por nós, talvez já não haja mais ninguém para dizer alguma coisa.

P.S.: esta pequena habilidade higienofascista não é um exclusivo deste condomínio londrino. Há cidades a instalar espigões de cimento debaixo dos viadutos [v. pág. 6] para impedir que ali durma quem não consegue ter outro tecto.

Por M. J. Marmelo. Escritor.

Teatro Anatómico, <http://teatro-anatomico.blogspot.pt/2014/06/quando-vierem-por-nos.html> (09-06-2014)

Morrer

O FUTURO DE TODOS NÓS É UM AGLOMERADO DE INFINDÁVEIS PONTOS DE INTERROGAÇÃO, no meio dos quais se eleva, monumental, uma certeza avassaladora: chegará o momento em que, um a um, teremos todas e todos de morrer.

No entanto, esta certeza não leva a maior parte de nós a subescrever o pensamento que surge várias vezes na poesia grega: “o melhor para o ser humano seria não ter nascido; a segunda melhor coisa: morrer quanto antes”. Em circunstâncias normais, ninguém quer morrer “quanto antes”, pois isso contraria a programação do nosso cérebro que, desde Adão e Eva, está de forma consciente e inconsciente focado na sobrevivência e na manutenção da ideia da morte a uma confortável distância.

São muitas as maneiras de interpor essa distância. Confrontada com a realidade clínica de que estava a morrer de cancro, a grande bailarina Margot Fonteyn repetia e insistia “I’ve just got a bad cold”, recusando “all this fuss” que médicos e amigos estavam a fazer em torno da sua doença terminal. À semelhança desta incomparável artista, a maior parte de nós desenvolve estratégias próprias para não pensar na morte, ou para pensar nela de uma forma que mitiga o seu “ferrão”.



Pela parte que me toca, penso todos os dias na minha morte: é algo que já faço desde criança, desde que comecei a ter noção dessa realidade ao mesmo tempo que a tentava perceber. Foram muitas as conversas com a minha mãe sobre este tema quando eu era miúdo, pois eu queria insistentemente saber se “doía muito” morrer: por exemplo, doía mais do que apanhar uma vacina, coisa que eu odiava? Doía mais do que partir uma perna? Arrancar um dente? Claro que a resposta da minha mãe, para apaziguar (e sobretudo calar) o filho, ia sempre no sentido

de sublinhar que morrer não dói nada, é mais ou menos a mesma coisa que adormecer e que, quem sabe!, quando eu fosse grande já os médicos teriam descoberto o “remédio” para a morte e já ninguém teria de morrer.

Bom, esse remédio está longe de ter sido descoberto e, mesmo que fosse, a última pessoa à face da terra que o quereria tomar seria eu, pois faço questão de morrer. Não quero ficar vivo para sempre. Claro que se eu morrer logo à tarde numa passeadeira de peões em Coimbra – e admitindo que tenha ainda tempo para me ocorrer este raciocínio – terei pena de deixar as pessoas que mais amo (sobretudo por saber que a minha morte lhes causará pena) e, prosaicamente, ficarei com pena de ter deixado várias coisas por fazer. Quando eu estava a traduzir a *Ilíada* e a *Odisseia*, formulava muitas vezes o desejo de não morrer (num desastre de automóvel ou assim) antes de ter acabado esses trabalhos, pois teria sido decepcionante ficar a meio. Hoje, ocupo-me com outras tarefas, que também seria pena deixar a meio. Na verdade, será sempre difícil, quando não impossível, encontrar na agenda dos próximos anos uma altura oportuna para morrer: uma altura em que a minha morte não venha interromper nenhum trabalho incompleto e não faça pena nem a mim, nem aos meus entes amados. Se calhar morrer é sempre prematuro.

Seja como for, faço questão de passar por essa experiência, o que não é exigir muito, já que ela me será fatalmente concedida, mais cedo ou mais tarde. Depois da fase em criança em que me queria certificar junto da minha mãe se morrer doía, entrei numa nova fase, em que tentei imaginar de que causa eu iria um dia morrer. Como fumador intermitente que sou desde os 17 anos, é claro que doenças pulmonares e cardíacas serão probabilidades fortes na minha roleta russa pessoal, não esquecendo a outra sequela do tabagismo, que é o cancro da bexiga (e da língua, e do maxilar, e da laringe...). Como munícipe da cidade de Coimbra, outra probabilidade forte é, como já aqui referi, a morte por atropelamento, mas vou confiar no meu instinto inato de sobrevivência para que isso não aconteça. Até porque não sei se escolheria a hipótese (se houvesse escolha) da morte súbita. Acho que preferia mais tempo para me mentalizar, mesmo que essa mentalização acabasse, irracionalmente, por tomar a forma do “mindset” de Margot Fonteyn. “Não estou nada a morrer, estou é muito constipado”.

Como amante da música de Bach, há muitos passos das cantatas (e não só) que me levam a enquadrar a ideia da morte de uma forma positiva. Árias como “Komm, süßer Tod” (“vem, doce morte”) ou “Sanfte soll mein Todeskummer” (“Suave será o meu morrer”) levam-nos a meditar sobre a ideia de morrer de forma muito diferente da que, no Romantismo, se impôs com o conceito a que Keats deu expressão célebre: “half in love with easeful

death”. De facto, já estive, em tempos, apaixonado pela morte. O meu professor Raúl Miguel Rosado Fernandes disse-me uma vez “você sofre demais de desiderium mortis”, o que na altura até seria verdade.

Hoje, tenho uma relação bastante correcta com ela. Desejá-la seria despudorado; aguardá-la com respeito é que é a atitude mais cavalheiresca. Sei que temos encontro marcado, em data que só ela conhece. E, mesmo que doa mais do que levar uma vacina, tudo bem. Será a última dor. Isso também é bom.

Frederico Lourenço. Professor catedrático.

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100007197946343> (29-10-2016)

Levantar o véu

A primeira tarefa dos que querem agir é levantar o véu, mostrar à opinião pública o que ela não quer ver.

Abbé Pierre, 1990

moda londrina outono - inverno



Os sem-abrigo são isso mesmo, sem-abrigo, sem direito a abrigo. Muito menos junto a prédios de luxo, onde o lixo se esconde e a

miséria se quer longe. Por isso mesmo, em Londres, estão a colocar-se espigões afiados nos locais onde os sem-abrigo costumam dormir.

Lançada petição pela promoção da dignidade dos SEM-ABRIGO

Comunidade Vida e Paz acredita ser possível que em 2020 não haja pessoas a viver na rua por falta de condições



A *Comunidade Vida e Paz* lançou nesta segunda-feira uma petição pública para "dar voz" à causa das pessoas em situação de sem-abrigo, pedindo ao Governo que promova uma nova estratégia nacional de intervenção pela "dignidade humana" desta população.

O presidente da *Comunidade Vida e Paz*, Henrique Joaquim, acredita ser possível que, até 2020, não haja ninguém na rua por falta de condições. "Com a experiência de quem adoptou e procurou agir de acordo com a estratégia nacional que acabou em 2015", a instituição acredita ser "pertinente e urgente a implementação de uma nova estratégia, com o horizonte 2020, que

capitalize as experiências positivas já conseguidas e que crie as condições de realização das melhorias necessárias ou já em curso", lê-se na petição lançada no Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza.

A petição pretende também afirmar "o valor da dignidade humana das pessoas em situação de sem-abrigo, exigindo que elas possam ter voz e condições de vida dignas e de cidadania plena".

Para isso, a *Comunidade Vida e Paz* convida "todos os portugueses" a manifestarem o seu "sentido cívico" e a ajudarem "a tornar visível a sua preocupação e missão pela causa das pessoas em situação de sem-abrigo" através da petição pública (<http://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=PT83363>).

A Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas em situação de Sem-Abrigo delineada entre 2009 e 2015 visava "uma tomada de consciência da existência deste fenómeno social complexo e da necessidade de uma melhor articulação entre as respostas já existentes que evitasse uma duplicação de esforços e recursos públicos e privados".

A instituição sublinha que, embora tenha sido recomendado ao Governo, por parte da Assembleia da República, uma avaliação do impacto da estratégia, até à data ainda não se sabe os resultados dessa avaliação. "A percepção é de que a sua execução foi baixa, o que justifica a sua renovação e, por essa razão, a Comunidade Vida e Paz quer colocar novamente o assunto na ordem do dia e na agenda governativa", afirma-se no comunicado.

A *Comunidade Vida e Paz* apoia actualmente cerca de 500 pessoas em situação de sem-abrigo através das Equipas de Rua e tem cerca de 200 utentes internados nas suas Comunidades Terapêuticas e de Inserção.

In *Lusa. Público*, 17-10-2016-

PELA DIGNIDADE HUMANA DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE SEM-ABRIGO

Para: Governo e Assembleia da República

Pela Dignidade da Vida Humana

Solicitamos ao Governo que implemente uma Estratégia Nacional de Intervenção pela Dignidade Humana das Pessoas em situação de sem-abrigo.

Com a experiência de quem adotou e procurou agir de acordo com a estratégia nacional que acabou em 2015, acreditamos que é pertinente e urgente adoção de uma nova estratégia, com o horizonte a 2020, que capitalize as experiências positivas já conseguidas e crie as condições de realização das potencialidade das melhorias necessárias ou já em curso.

Com a humildade de quem está na rua diariamente ao serviço das pessoas em situação de sem-abrigo acreditamos que é possível até 2020 não haver ninguém na rua por falta de condições.

Com a gratidão por todas ajudas e apoios já recebidos, acreditamos que através desta petição pública, com a participação de todos os portugueses em geral, e cada Pessoa em particular, juntos podemos afirmar o valor da Dignidade Humana das Pessoas em situação de sem-abrigo, exigindo que elas possam ter voz e as condições de vida dignas e de cidadania plena.

ASSINAR Petição

<http://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=PT83363>